



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E RELAÇÕES DE GÊNERO: DISCURSOS, SILÊNCIOS E RESISTÊNCIAS

Diana Marcela Orjuela Rojas¹

A escola como local privilegiado no ato de educar se configura como um espaço propício na produção de sujeitos através dos discursos que são colocados –entre outras- desde as práticas pedagógicas das e dos professores. O questionamento que surge é que efeitos de sentido são produzidos pelas práticas pedagógicas – compreendidas como práticas discursivas- nos processos identificatórios das e dos estudantes e nas suas relações baseadas no gênero, as quais podem se configurar como espaços de silenciamento, de diferenciação, de exclusão, de violência sistemática mas também como espaços de luta, de reconhecimento e resistência. Neste sentido, esta pergunta leva a pensar nos discursos que circulam ao redor do corpo, do sexo, da sexualidade e do gênero na escola e o modo como são colocados, e ao mesmo tempo leva a pensar que tipo de condições são colocadas na escola para compreender como certas configurações de gênero se estabelecem, se normalizam ou se questionam á luz da política educacional e das configurações de gênero que atravessam as docentes e suas trajetórias, a partir de uma análise feminista.

Palavras chave: gênero, práticas pedagógicas, práticas discursivas, efeitos de sentido.

Introdução

Esta pesquisa é produto de uma serie de problematizações que foram desenvolvidas ao redor do gênero, entendendo esta categoria como uma ferramenta de análise teórico e de luta política no interior da educação e em especificamente na escola. Neste sentido, o proposito foi investigar como o gênero atravessa as práticas pedagógicas das e dos professores e como estas práticas – entendidas como práticas discursivas- vão criando efeitos de sentido sobre os corpos, sobre as concepções de gênero que determinam lugares, praticas e discursos, sobre as relações, sobre as identidades das e dos estudantes.

¹ Mestranda em educação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Assistente social da Universidade Nacional da Colômbia. E-mail: sue.inti@gmail.com



Os dados desta pesquisa foram colhidos desde duas ferramentas de coleta de dados: a) Diários de Observação realizados pela pesquisadora que acompanha as aulas das professoras de um grupo específico b) Diários de aula realizados pelas professoras onde descreviam os modos como são planejadas as suas aulas e as percepções que tem sobre a sua própria prática pedagógica, tendo em conta os possíveis efeitos que elas percebem que suas ações têm sobre os e as estudantes. Para analisar os dados foram confrontando os diários de aula com os diários de observação tentando identificar os efeitos de sentido que eram produzidos nas e nos estudantes a partir de fazer análise do discurso.

Esta pesquisa se desenvolveu em três diferentes graus e com três professoras da escola pública *Instituto de Educación Distrital Colegio La Belleza- Los libertadores* da cidade de Bogotá. O primeiro grupo pertence ao 5º do ensino básico com meninos e meninas entre 7 até 11 anos e a docente ministra as disciplinas de educação física, ciências sociais e ética e valores; o segundo grupo pertence ao 8º do ensino básico com jovens entre 14 até 17 anos e a professora ministra a aula de ciências sociais, e finalmente o terceiro grupo pertence ao 2º do ensino médio e a professora ministra a disciplina de Química. Para este trabalho serão apresentados só os resultados parciais de uma das turmas.

1. Escola e educação

O principal objetivo da escola não é educar no sentido clássico desta concepção, onde se estabelecem uma série de conteúdos que são repassados a través de uma relação pedagógica entre docentes e estudantes, pelo contrário o objetivo da escola como instituição disciplinadora é criar subjetividades concretas que sejam funcionais aos propósitos de quem, dentro das relações de poder estabelecidas, se coloca no lugar do controle.

A ênfase não é então nos conteúdos e sim as lógicas que se ensinam, que estão por trás de tais ideias, principalmente no que tem a ver como visões de mundo, por exemplo:

- com os modos de entender e criar as diferenças que estabelecem relações de poder, que podem estar ancoradas a categorias como gênero, raça, classe;



- com os modos de compreender o corpo, o sexo, o prazer, como forma de disciplinamento e controle da vida a través de discursos como a natalidade, a sexualidade sana, as DTS's, para ir criando sujeitos que se acoplem as logicas politicas e econômicas hegemônicas;
- com as classificações binarias que ensina o que esta certo e errado, o falso e o verdadeiro, que no caso, o que estabelece é um regime de verdade com força de obediência, fazendo acreditar que esse é o único modo de ler a realidade;
- com as formas de aprender a estabelecer relações sociais desde a competição, a individualidade, a eficácia, que vão alimentando as posturas neoliberais de mercado, fazendo que as concepções sobre liberdade construídas se contraponham as de equidade, dignidade e humanidade.

Para identificar o tipo de relações de poder colocadas dentro da escola, basta com compreender as diferenciações que são colocadas nos discurso e nas práticas ao redor das relações pedagógicas que se estabelecem dentro da escola. Identificar o que é possível e o que é proibido, o que é correto ou incorreto, o que pode ser falado e o que não, o que pode ser feito e o que não, os modos de fazer uso do corpo – as roupas usadas e as que não podem ser usadas, os modos de levar os cabelos em termos de cores e estilos, a imposição dos uniformes nas atividades que supostamente fazem mulheres e homens, entre outras -.

A compreensão sobre o funcionamento do humano foi fundamental para conseguir tal proposito, pelo qual a escola moderna é produto do nascimento das ciências sociais, as quais foram atrás da compreensão e controle dos sujeitos, construindo caminhos teóricos para pesquisar e analisar o seu comportamento, o seu raciocínio, a forma como aprende, como estrutura o saber e as relações sociais. E desde aí é que a Pedagogia e as Licenciaturas tem se fundamentado: na psicológica, na sociologia, na pedagogia, na filosofia, na antropologia, entre outras.

O modo de colocar em pratica estes saberes e instalá-los na escola para manter o controle dos sujeitos a ser educados, geralmente esta na logica do tipo panóptico onde todo é observado, vigiado, avaliado, castigado, controlado, normalizado, tanto assim que em algum ponto se estabelece um ambiente de coerção tão efetivo que os estudantes viram verdugos, vigilantes



do cumprimento da própria lei que os submete. Então, qual é o propósito da escola? Quais são os saberes que impõe?

Desde esta perspectiva, a escola não é mais um local de constituição e estabelecimento de conteúdos e sim o lugar onde se faz uma prática de produção de discursos a partir de saberes particulares que são colocados na escola com o intuito de criar subjetividades dóceis e submissas e identidades normalizadas e normalizadoras das relações de poder existentes. Estes saberes estão colocados dentro de correntes epistemológicas que ao se definirem como científicas querem ocultar as relações de poder que estão na base da sua própria teoria. Neste sentido “a epistemologia não é nunca neutra, mas reflete sempre a experiência de quem conhece” (SILVA, 2013, p. 94), pelo qual a pergunta que surge é Quem tem sido o sujeito de conhecimento? Que tipo de conhecimento é colocado como saber legítimo? Que tipo de relações de poder estabelecem estes saberes? Como é socializado este tipo de saberes?

2. Práticas pedagógicas como práticas discursivas

A noção clássica da prática pedagógica como um fazer, como uma ação sustentada no saber pedagógico e disciplinar das professoras e dos professores que se desenvolve no relacionamento prático e cotidiano com os/as estudantes, coloca a ênfase na relação com o conteúdo a desenvolver, como a formação disciplinar e com a aprendizagem e ocultando o tipo de saberes sociais que são impostos a partir de relações de poder baseados em epistemologias particulares que vão circulando no interior da sala de aula a partir dos discursos que fundamentam as ações pedagógicas das e dos professores.

Nesse sentido, a prática pedagógica se coloca como uma prática discursiva enquanto vai criando sujeitos e identidades particulares a partir de aparatos discursivos e institucionais que os define como tais (SILVA, 2013, p. 120), isto quer dizer que através da linguagem -e sua performatividade- vão se criando e recriando relações de saber- poder que vão atravessando a constituição dos sujeitos que fazem parte da escola, inscritos em discursos ao redor do ensino e da aprendizagem.



Nesse sentido, a prática pedagógica é uma prática que se inscreve num campo de saber determinado que da conta de uma prática discursiva, em tanto o saber é definido pelas possibilidades e impossibilidades de uso e apropriação que este discurso lhe oferece num contexto determinado; é nesse sentido que uma prática discursiva se pode compreender a partir do saber que constrói (FOUCAULT, 2008, p. 204).

A prática pedagógica é uma prática discursiva, compreendendo este último conceito a través de Foucault (2008, p. 133) como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Neste sentido, as práticas pedagógicas constituem e constituem-se numa série de normas e leis que limitam as possibilidades de enunciação e de ação ao interior da escola em cada uma das relações sociais que se estabelecem entre estudantes e professoras ou professores, principalmente a partir dos seguintes discursos:

- ❖ Os modelos pedagógicos para o ensino (formas de ensinar);
- ❖ Os saberes que circulam nos processos educativos (conhecimentos disciplinares);
- ❖ Os discursos educativos que delimitam as práticas docentes (o currículo);
- ❖ As funções colocadas sobre estudantes e professoras/es (expectativas sobre os papéis dos atores)
- ❖ As práticas de ensino nos diferentes espaços sociais dentro da escola (saber pedagógico em ação e a sua influência na constituição de subjetividades). (GARCÉS, 2011, p. 22)

Tendo em conta estes discursos e a compressão sobre as práticas pedagógicas, as perguntas que surgem são: Que tipo de efeitos traz para os e as estudantes estes discursos? Que tipo de saberes são colocados em jogo ao redor do gênero? Que tipo de efeitos na constituição identitária se produzem em relação como o corpo, o gênero e a sexualidade?

3. Efeitos de Sentido Produzidos



A consequência básica de qualquer prática discursiva é a consolidação de um regime de verdade sobre o que esta prática discursiva coloca, e a primeira ação para compreender os efeitos desta e não colocá-los como naturais e para isto é fundamental entender que,

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOCAULT, 1979, p. 10)

Dentro do âmbito educativo estes regimes podem ser identificados a partir de quatro elementos que fazem parte das relações pedagógicas: o planejamento, a metodologia, a organização escolar, a avaliação. Adiciona-se um elemento adicional que é a corporeidade, entanto se coloca como um espaço chave entanto o corpo é local de produção e reprodução dos discursos. A continuação se fará uma descrição básica dos dados encontrados para depois fazer uma análise destes elementos. Dentro de este análise preliminar não se trabalhara sobre o planejamento enquanto a informação coletada desta turma não deu nenhum dado nesta categoria.

➤ **Discursos que se colocam desde metodologia (os modos de participação)**

Grau 2º ensino médio

“la diferencia entre los enlaces pi y los sigma es la fuerza de atracción entre ellos. Haga de cuenta que es como su relación anterior y la que tiene ahora, la primera era más débil y esta que tiene ahora es más fuerte. Esa es la diferencia entre ambos enlaces”

Ainda que o exemplo desse para que os e as estudantes conseguiram compreender a diferença nos enlaces químicos o exemplo escolhido só faz referencia as relações heterossexuais, fazendo que as relações homossexuais fiquem fora no dizer, e pelo tanto se coloca como um espaço escuro, que não é explorado nem visibilizado como se tivesse que se ocultar. Tal vez, se alguém da turma tivesse alguma outra orientação sexual não se sentiria reconhecido neste dizer e a escola excluiria de novo a diferença.



“¿los alcanos son normales?”

Uma característica na prática pedagógica da professora é a ênfase que faz na diferença, ela insiste no seu discurso que esta turma é muito diferente mas em nenhum momento explicita suas razões. Numa das suas aulas ela fala, para diferenciar os enlaces químicos, que um deles é normal, fazendo que os outros enlaces sejam entendidos como anormais.

➤ **Discursos que se colocam desde a organização escolar**

Grau 2º ensino médio

A organização muda de acordo às dinâmicas de cada aula, a organização da sala de aula inicia em fileiras, mas estas vão se organizando ao redor dos grupos de afinidade e quando as aulas estão voltadas para a resolução de alguma dificuldade dos e das estudantes a configuração vira circular. No entanto, quando o trabalho dentro da sala de aula é em grupos os homens se organizam entre eles para trabalhar facilmente e de uma forma diferente, as mulheres têm mais dificuldade para se organizar. Em qualquer atividade é visível a exclusão espacial de uma das estudantes que é uma mulher negra e esta é naturalizada tanto pelos estudantes como pela professora, o que faz pergunta se este tipo de atitudes tem a ver com a sua pertença racial ou de gênero.

➤ **Discursos que se colocam desde a avaliação**

Grau 2º ensino médio

“¿Por qué los gays tienen que ser bullosos y groseros?”

Na fala anterior a esta frase, ela indica que ela aceita todas as diferenças, principalmente as diferentes de opções de orientação sexual. No entanto, um momento depois ela se pergunta porque os gays tem que ser tão barulhentos e grossos. Neste sentido, o modo de ser barulhento de ele tem diretamente a ver com a sua identidade sexual e não com qualquer outra parte da sua identidade, e de fato esse barulho e incomodo, no que na verdade vai indicando quanto é incomodo essa opção sexual diferente para ela.



"No sea grosera"

E interessante como a professora sanciona de forma contundente o dizer de uma menina que usa um palavrão durante uma intervenção na aula, ao momento de debater com o companheiro sobre o modo como se relaciona dentro da sala de aula. Ainda que os meninos tenham falado maior quantidade de palavrões durante a aula toda, é a menina quem é sancionada. Isto tem a ver com que a sua ação não está em coerência com o que é esperado que uma mulher fale. Ao sancionar só ela está indicando que as mulheres não têm permitido se expressar de essa maneira e ao mesmo tempo permitindo que os meninos possam usar esses tipos de palavras de maneira legítima, mantendo a lógica binária e oposta do masculino e do feminino.

➤ **Discursos que se colocam desde a corporeidade**

Grau 2º ensino médio

Tal vez, como efeito das lógicas sociais sobre a feminidade e da masculinidade e que a escola vai reproduzindo, foi possível observar ao momento de organizar um trabalho em grupo, que uma das meninas se desloca até outro ponto da sala de aula e olha para um dos meninos que está na procura de uma cadeira para sentar-se, ele conseguiu uma cadeira mas ela a toma para si. O menino para um pouco mas finalmente dá a cadeira para ela. É muito forte o modo que a menina acredita de forma contundente que ela merece ou tem direito a uma cadeira, ainda quando ela nem a procurou, e ela tem essa convicção porque ela é mulher e as mulheres têm prioridade.

4. Identidade das e dos estudantes e Relações baseadas no gênero

Algumas dos discursos que foram conferidos pelas e pelos estudantes começam a ter coerência com as práticas pedagógicas – práticas discursivas- da professora, sendo contundente o lugar que elas e eles vão dando à diferença, a qual é a maior questão colocada nos diferentes elementos de análise que foram usados nesta pesquisa para compreender a



interpelação entre gênero e práticas pedagógicas. Neste sentido, foi possível identificar as seguintes falas dos e das estudantes:

“Kevin con Santiago” Chico

Esta expressão foi falada por um menino que ao escutar a indicação da professora de fazer um trabalho em dupla. Ele falou para os dois meninos que se reconhecem como homossexuais dentro da sala, que eles deveriam conformar uma dupla. O que está colocado neste enunciado é que o lugar do diferente é como o diferente o que quer dizer que ainda compartilhando a sala de aula há limites nessa relação entre companheiros, sendo estes limites definidos pela orientação sexual destes meninos. Este enunciado também dá conta de uma contundente rejeição sobre a homossexualidade já que assegurando que eles trabalharam juntos não haveria chance de ele trabalhar com algum deles.

“Cuántas clases de niños hay? Profe. Niño-niño y niño-niña. Responde un chico

Dentro de uma discussão da aula, a professora pergunta por o tipo de meninos que existem, fazendo referência a configurações de tipo social, só que a resposta que é dada por um dos meninos faz referência às orientações sexuais e descreve que tem meninos – meninos e meninos – meninas. Quem fala desta diferença se coloca dentro da lógica heterossexual, definindo o que é ser um homem e o que não é sê-lo, colocando a homossexualidade como uma incompletude, como uma mistura que tira a essência do masculino ao se confundir com elementos do feminino. Isto coloca ao feminino como algo indesejável, pouco virtuoso e totalmente oposto ao masculino.

“Somos diferentes, hay lesbianas, hay gays e hay negras” Chica

Numa discussão informal dentro da sala de aula uma das meninas retoma o discurso da professora dizendo que de fato a turma é diferente, só que diferentemente à professora, ela explicita aquelas diferenças que compõem a turma. A pergunta que surge ante este enunciado é como esta se entendendo o conceito da diferença, porque o fato de esta menina ter falado explicitamente disto se colocou como uma ação corajosa, o que dá conta da dificuldade na problematização destas questões e a lógica de silenciamento que acompanha este tipo de configurações.



5. Regímenes de verdade e docência

As reflexões que este tipo de discursos vão colocando na reflexão sobre as práticas pedagógicas das e dos professores nas configurações de gênero, tem que problematizar principalmente os modos como de forma individual, pessoal, profissional e política as e os professores estão compreendendo o gênero, suas possibilidades e limites, e como seu discurso vai impondo regímenes de verdade sobre o que significa a feminidade, a masculinidade, a homossexualidade, a heterossexualidade, quer dizer, como esta colocando as diferenças baseadas no gênero a partir do seu lugar de saber-poder dentro da escola.

Mas também estas reflexões querem colocar estas situações para pensar modos de reagir frente a estes regímenes de verdade e criar dentro da sala de aula modos de resistência frente à homogeneização, à normalização, ao apagamento de aquele ou aquela que é construído como diferente, para gerar relações sociais menos desiguais e excludentes, contribuindo assim à consolidação de formas de relacionamento não violentas contra a alteridade.

Referencias

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7°. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2008.

GARCÉS, O. L. Foucault. una lectura desde la práctica pedagógica. In: NACIONAL, U. P. **Foucault, la pedagogía y la educación: pensar de otro modo**. 2°. ed. Bogotá: Magisterio, 2011. p. 11 a 39.

SILVA, T. T. D. **Documentos de Identidade: Uma introducao ás teorias do currículo**. 3°. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.